

Cultura digital, cultura hacker e novas formas de atuação de movimentos sociais: um estudo de caso sobre o Ônibus Hacker¹

Gabriela Nardy V. Leitão²

Rafael de Paula Aguiar Araújo³

Resumo: Este trabalho tem como objetivo investigar como a cultura hacker e a cibercultura impactam as atuais lutas por mudanças sociais e políticas e a visão dos membros do Ônibus Hacker acerca de seus modos de organização e significados de horizontalidade, abertura e flexibilidade organizacionais. Também se buscou entender como a ética hacker poderia trazer respostas a questões presentes em grupos de ações coletivas, como problemáticas relacionadas à estrutura organizacional, individualidade e cooperação entre pessoas com visões de políticas distintas.

Palavras-chave: Cultura Hacker, Cultura Digital, Movimento Social, Horizontalidade.

Abstract: This paper aims to investigate how the hacker culture and cyberculture impact the current struggles for social and political changes and the vision of the members of the Ônibus Hacker about their modes of organization and meanings of horizontality, openness and organizational flexibility. It was also sought to understand how the hacker ethics could bring answers to issues present in groups of collective actions, such as problems related to organizational structure, individuality and cooperation among people with different policy visions.

Keywords: Hacker Culture, Digital Culture, Social Movement, Horizontality.

¹ Este artigo foi escrito a partir de uma pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo por Gabriela Nardy sob a orientação de Rafael de Paula Aguiar Araújo.

² Cientista Social e mestranda pela UNICAMP. Email: gabileitao@gmail.com

³ Cientista Social, mestre e doutor em Ciências Sociais. Professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. E-mail: rafael.araujo1977@gmail.com.

Introdução

O rápido desenvolvimento tecnológico nas últimas décadas tem causado mudanças significativas em diferentes aspectos da sociedade contemporânea. A presença constante das Tecnologias de Informação e Comunicação no cotidiano, as mudanças na organização geopolítica e as transformações do mundo do trabalho têm levado a teoria social a buscar novas formas de explicar essas mudanças.

Conceitos como sociedade pós-industrial (BELL, 1974), sociedade em rede (CASTELLS, 2000), sociedade de controle (DELEUZE, 1992), império e multidão (HARDT E NEGRI, 2014), entre outros, surgem para buscar compreender os novos arranjos produtivos e sociais.

Com a presença de novas ferramentas comunicacionais e pela organização em rede da internet, a sociedade civil encontrou novas e criativas maneiras de organização. Uma série de coletivos e movimentos que se insurgem contra as diferentes formas de dominações, explorações e controles, passaram a modificar seus repertórios de ação coletiva. Desde 2011 uma série de experimentações sociais coletivas tem ocorrido na organização de lutas culturais e políticas, o que levou ao surgimento de grupos e movimentos como o Anonymous, a Primavera Árabe, as Jornadas de Junho de 2013 no Brasil, o movimento dos Indignados na Espanha, entre outros.

Este trabalho trata dos impactos da cultura digital e da cultura hacker em movimentos sociais, sua atuação política e formas de organização. Como estudo de caso, foi escolhido o Ônibus Hacker, um coletivo iniciado em 2011 e organizado ao redor de um ônibus, adquirido por meio de um financiamento coletivo, ao qual definem como um *laboratório sobre rodas* - um espaço para experiências tecnológicas e políticas. O grupo promove em suas viagens, debates, oficinas e atividades voltadas à autonomia dos indivíduos em relação às tecnologias, ao entendimento de seus aspectos políticos e ao incentivo à experimentação. Suas ações se concentram nas intersecções entre a tecnologia e a política, a cultura e as artes. Os princípios norteadores do Ônibus Hacker são os da ética hacker, como a lógica do compartilhamento, a defesa de que toda informação deve ser livre e acessível e o uso de software livre e aberto.

A investigação ocorreu por meio de uma pesquisa exploratória qualitativa, com entrevistas em profundidade a partir de questionários semiestruturados com membros do Ônibus Hacker. Também foi realizado um acompanhamento detalhado da lista de e-mails e do grupo no telegram⁴ do Ônibus Hacker, espaços on-line de debate e discussão dos integrantes, além da observação participante.

⁴ Aplicativo para troca de mensagens pela internet, focado em dispositivos móveis.

Foram realizadas cinco entrevistas entre outubro de 2015 e junho de 2016. Os entrevistados foram escolhidos de acordo com sua relevância dentro do Ônibus Hacker, experiência em atividades do grupo e reflexão acerca de suas práticas. Para preservar suas identidades, foram usados aqui nomes fictícios. Empregou-se a técnica de entrevista da história oral, no qual são utilizados conceitos provenientes da fala dos entrevistados para o desenvolvimento do trabalho.

Movimentos sociais

Javier Rodríguez Mir (2008) traça uma importante discussão sobre as definições de movimento social. De acordo com o autor, é possível entender, em linhas gerais, que movimentos sociais são coletivos ou grupos sociais que apresentam demandas específicas para a sociedade, autoridades ou grupos. Os movimentos sociais atuam para promover ou resistir a mudanças, na sociedade ou dentro de seus grupos, e aumentam a integração e coesão derivadas de sentimentos de pertencimento e solidariedade.

Os chamados “novos movimentos sociais”⁵, dos anos 1960 e 1970 na Europa e Estados Unidos, caracterizavam-se por mobilizações que comportavam uma combinação de componentes políticos e culturais e a presença de novos atores sociais, como jovens, mulheres, estudantes e minorias étnico-raciais. Estes novos movimentos sociais se diferenciavam dos movimentos trabalhistas tradicionais em suas estratégias, pautas e estruturas. Suas demandas se fundaram no reconhecimento de necessidades socioculturais, identidades coletivas e direitos cívicos que pouco tinham relação com as necessidades distributivas e econômicas históricas sustentadas pelas reivindicações corporativistas dos trabalhadores. Com esses novos movimentos, os conflitos se deslocaram do sistema econômico industrial para o âmbito cultural e identitário. Os novos movimentos sociais apresentaram uma estrutura descentralizada e aberta que incentivava uma maior participação, em contraste com estruturas hierárquicas e centralizadas dos movimentos anteriores (RODRÍGUEZ MIR, 2008).

Posteriormente, surgiu o que foi chamado de movimento anti-globalização, com uma estrutura multicêntrica, horizontal e reticular, cuja complexidade provém da multi-

⁵ Esta categorização tem como objetivo ressaltar o salto qualitativo da passagem de uma sociedade industrial para uma sociedade pós industrial, acompanhado por uma nova ação coletiva. O “velho” tem sido caracterizado por um tipo de política centrada nos atores tradicionais (sindicatos, partidos, classe trabalhadora). O termo “novo” conota um forte contraste com os “movimentos velhos”, mudando a análise dos movimentos sociais de uma perspectiva focada nas relações de opressão, exploração e luta de classes para uma que enfatiza a identidade, a organização, a cultura e oportunidades políticas.

plicidade de atores, áreas, níveis e redes envolvidos (RODRÍGUEZ MIR, 2008). Fernández Buey (2007) propõe que o denominado “movimento de movimentos” ou “movimento antiglobalização” dá por superada a distinção entre velhos e novos movimentos sociais, posto que este movimento integra tanto sindicatos e partidos políticos de esquerda, quanto organizações feministas, ambientais, movimento étnicos e raciais. Deste modo, Buey considera anacrônica a diferenciação entre velhos e novos movimentos sociais. As lutas contemporâneas são inter-relacionadas e interdependentes, e conseguem construir alianças transnacionais mais facilmente pela existência de um inimigo comum - os grandes capitais internacionais e suas instituições, a globalização econômica neoliberal, os mercados financeiros (LÖWY, 2002).

Manuel Castells (2001) afirma que o movimento antiglobalização é diverso e contraditório. O autor analisou alguns movimentos sociais em rede dos últimos anos e suas formas de atuação, como as insurreições árabes, o Occupy Wall Street nos Estados Unidos e os Indignados na Espanha. Em sua descrição, Castells (2013) os apresenta como movimentos que não reconheceram nenhuma liderança, que rejeitaram os modelos formais de organização e que se sustentaram, entre outros, na internet para o debate e tomada de decisões.

Os movimentos sociais em rede da atualidade, se aceitarmos a premissa de Castells, fundamentam-se na internet e usam suas ferramentas para mobilizar, coordenar, delegar, deliberar, organizar, decidir, comunicar e atuar. “Há uma conexão fundamental, mais profunda, entre a internet e os movimentos sociais em rede: eles comungam de uma cultura específica, a cultura da autonomia, a matriz cultural básica das sociedades contemporâneas” (CASTELLS, 2013, p. 167).

Sobre esses movimentos emergentes do século XXI, Hardt e Negri (2014) acreditam que podemos ter um primeiro vislumbre da nova tendência democrática ao analisarmos as atuais revoltas e manifestações, nas quais fica evidente uma inclinação para uma organização cada vez mais colaborativa e em rede. O ciclo global de lutas se desenvolve como uma rede aberta e disseminada, especialmente a partir do protocolo P2P, quando máquinas passaram a conectar-se diretamente, formando uma rede distribuída, por onde a criatividade dos interagentes atua.

O Ônibus Hacker se enquadra no conceito de movimento social na sua forma, mas não no seu conteúdo. Suas práticas e maneiras de atuação coincidem com o exposto acima, no entanto, suas pautas e motivações para a ação coletiva não são compatíveis com a visão de um inimigo comum estabelecido no capitalismo globalizado. A ideia de que

o Ônibus Hacker seja um movimento social foi também questionada por integrantes do grupo.

um movimento social, na minha opinião, tem algum propósito mais definido (...). O Ônibus (...) não tem um propósito único e nem definido. Ele mais está tentando destrinchar processos. Acho que isso reforça a ideia de que ele é um laboratório de experiências mais do que um movimento mesmo (Milton, out/2015).

Apesar do ônibus Hacker não se ajustar perfeitamente às definições de movimentos sociais, optamos por tratá-lo como tal. Acreditamos que esses novos modos de ação social, provenientes das redes digitais na internet, enriquecem a discussão acerca da atuação coletiva e levam o conceito de movimento social para horizontes mais amplos.

Ônibus Hacker

Criado a partir de um grupo de participantes da lista de discussão da Transparência Hacker, uma comunidade que discute, articula e propõe projetos que utilizem as tecnologias digitais para fins de interesse da sociedade, com foco especial em questões relacionadas à transparência pública, software livre e dados abertos, o perfil inicial dos membros do Ônibus Hacker e das suas ações era muito próximo ao perfil da própria Transparência Hacker. Com o tempo, no entanto, o Ônibus Hacker passou a atrair e incorporar pessoas com visões mais abrangentes sobre tecnologia, cultura digital e suas possibilidades. Dessa forma, caminhou em direção a algo *mais aberto*, com uma visão de tecnologia para além do digital, e passou a comportar atividades como oficina de crochê, origami, poesia e feminismo. “Quando penso em tecnologia, no Ônibus principalmente, a gente abrange todos os tipos de técnicas possíveis” (Milton, out/2015).

Antes de toda viagem do Ônibus Hacker, é aberta uma chamada pública para que qualquer pessoa possa participar. O ônibus em si, esse laboratório sobre rodas, carrega uma série de equipamentos, como impressora 3D, hardware livre, máquina de costura, material para a montagem de uma rádio livre, entre outros. A média de duração das viagens costuma ser de uma semana. O contato intenso entre os participantes, que convivem por dias e noites consecutivos e realizam uma maratona de atividades, cria vínculos rapidamente entre os viajantes, que em pouco tempo se unem e passam a colaborar para o desenvolvimento dos trabalhos do grupo.

O Ônibus Hacker só atinge sua potencialidade quando está viajando, quando está fora da garagem em alguma atividade. A cada viagem é formado um grupo distinto que

cria uma experiência única de atuação a partir daquele laboratório móvel. “Uma viagem do Ônibus nunca é igual a outra, porque a proposta da viagem é diferente sempre, o grupo de pessoas reunido também” (Milton, out/2015).

Cultura Digital e Cultura Hacker

De acordo com Castells, “a Internet nasceu da improvável interseção da *big science*, da pesquisa militar e da cultura libertária” (2013, p.19). Ele caracteriza a cultura da internet por uma estrutura em quatro partes: a tecnomeritocrática (dos cientistas), a dos hackers, a comunitária virtual e a empresarial (CASTELLS, 2013, p. 34-35). Os hackers e sua cultura, dessa forma, estão no centro fundador do que atualmente chamamos de cibercultura. Aprofundar o conhecimento sobre a cultura hacker é, assim, também aprofundar o conhecimento sobre a cultura digital.

A importância de estudar as formas de organização e visão política dos hackers se relaciona com as potências políticas do ciberespaço, que têm se configurado como espaço de disputas políticas e emergência de novas formas de resistências. De acordo com Henrique Parra, as tecnologias digitais se relacionam com o surgimento de novas maneiras de exercício de poder:

Biopoder aplicado pela tecnocracia nos moldes das sociedades do controle (Deleuze, 2007); o Império, como sistema de convergência estatal corporativa que integra as tecnologias de comunicação e cria os próprios mecanismos de autoprodução de legitimidade (Hardt & Negri, 2001); as sociedades “protoculares”, como expressão tecnológica da gestão imperial realizada através das redes telemáticas (Galloway, 2004); ou então nas diversas formas de governança sem governo ou dos estados de exceção (Paoli, 2007; Agamben, 2002) (PARRA, 2008, p. 97).

A ética hacker, construída a partir das comunidades hackers (AMADEU, 2010), possui alguns preceitos fundantes: toda a informação deve ser livre; o acesso aos computadores deve ser ilimitado; hackers devem ser julgados apenas por seus “hackeamentos” e não por nenhum outro critério; hackers desconfiam de toda autoridade e promovem a descentralização; e os computadores podem mudar a vida das pessoas para melhor (LEVY, 2012, pp. 27–33).

Hackers acreditam que quanto maior o processo colaborativo, melhor e mais rapidamente o software será aprimorado. Tal crença é materializada pelo lema “libere cedo, libere frequentemente” (RAYMOND, 2001, p.28). Hackers apresentam um comportamento extremamente meritocrático, defendem a emancipação individual pelo co-

nhhecimento e que o conhecimento precisa ser livre para que o maior número possível de pessoas possa contribuir com seu desenvolvimento e se beneficiar com ele (AMADEU, 2010). “Conseqüentemente, hackers realizam um novo modo de resistência que passa pelo conhecimento e pela autoformação de indivíduos autônomos e colaborativos.” (AMADEU, 2010)

A liberdade é também um conceito-chave. “Liberdade para criar, liberdade para se apropriar de qualquer conhecimento disponível, e liberdade para redistribuir esse conhecimento em qualquer formato e canal escolhido” (CASTELLS, 2002, p. 46). Suas comunidades se baseiam na cooperação, na colaboração, na horizontalidade comunicacional, na reciprocidade entre seus membros e apresentam uma estrutura organizacional fundada na informalidade (CASTELLS, 2002).

De acordo com os entrevistados, é bastante difícil explicar o que é o Ônibus Hacker. No entanto, há um consenso de que não é possível entendê-lo sem entender que suas práticas são indissociáveis das características da ética hacker que ele carrega: a cultura da meritocracia, da abertura, da modificação de processos, da experimentação, da criação de atalhos e gambiarras. A ética hacker “informa a maneira como as pessoas tentam fazer o Ônibus funcionar” (Paula, nov/2015). O digital se faz presente como ferramenta e como cultura. Abertura, colaboração, autonomia, compartilhamento, transparência e livre acesso à informação fazem parte do Ônibus porque fazem parte dessa cultura que o gestou.

Algumas frases provenientes do ambiente hacker que são frequentemente ditas pelos membros, como “é melhor pedir perdão do que pedir permissão” e “é melhor errar rápido do que não errar”, nas dão um vislumbre de como a cultura hacker se faz presente. A primeira traz a dimensão da estrutura organizacional fundada na informalidade ressaltada por Castells (2002) e a postura adotada de *fazer* sem muito se importar com planejamentos ou a necessidade de algum tipo de autorização, que resulta em uma valorização do fazer e uma desvalorização da burocracia. A segunda frase reforça esse aspecto da “façocracia”, termo frequentemente utilizado por membros do grupo que reforça a valorização dada para quem faz – errar não é um problema, mas deixar de fazer, de tentar, de experimentar e inovar, sim. Com isso, cria-se um ambiente em que as pessoas se sentem soltas para criar, pois o erro não é censurado.

A gente trabalha com uma lógica façocrática: quem faz manda. (...) Quem faz manda, e as coisas acontecem. Se não gostou, faz melhor. Essas relações se dão de uma maneira muito horizontal, muito orgânica. As pessoas que estão fazendo, estão pilhadas, são as que ditam o rumo das coisas⁶.

⁶ Pedro Markun, entrevista realizada em 2012.

Essa postura em relação à experimentação e ao erro é ilustrada em uma história que ocorreu em uma viagem a Parati em 2012, em que um os integrantes tentaram consertar uma transmissão quebrada do ônibus com uma camisinha. “É possível consertar uma transmissão quebrada de ônibus com uma camisinha? É pouco provável, mas tentamos. É aquela relação, se você não sabe consertar você não é dono. (...) Tem uma questão tecno-estética do pegar, do mudar, do transformar” (George, mar/2016).

Visões e Posicionamentos Diversos

Quando questionados sobre a visão do grupo e suas pautas políticas, a resposta mais comum era “não consigo falar pelo grupo” (Joana, jan/2016). Apesar do sentimento de coletividade, há sempre um reforço de que as pessoas possuem suas próprias visões e opiniões. “Não consigo perceber o Ônibus como uma unidade, acho que tem algumas parcerias de ideias, de ideias distintas, na verdade, no grupo, que não necessariamente se unificam” (Milton, out/2015).

As pautas políticas ciberativistas têm grande dificuldade em se situar no enquadramento tradicional de direita e esquerda, por mais que existam grupos e ativistas cuja atuação pode ser classificada dessa forma (AMADEU, 2010), e o Ônibus Hacker é um exemplo de como é possível atuar politicamente mesmo com integrantes com visões políticas bastante distintas, e até mesmo opostas. Apesar de haver uma maioria de membros que poderia ser colocada no campo da política tradicional considerada de esquerda, isso não é uma unanimidade ou sequer algo desejado. “O Ônibus Hacker tem várias visões sobre política, essa é a parte mais interessante” (George, mar/2016).

O fato de não existir uma grande causa em comum no grupo, como a revolução socialista ou o fim do machismo, apenas pautas específicas e uma crença muito forte em uma forma de agir politicamente que seja coletiva, permite que essas pessoas consigam atuar conjuntamente. O Ônibus consegue “criar um espaço físico e político de convivência de diferentes (...) ele atrai diferentes fazeres dentro de uma lógica geral de compartilhamento, de mais abertura” (George, mar/2016).

Não acredito que exista visão (política) única (no Ônibus Hacker). Aliás, fora a unidade do Ônibus, acho que não existe mais nada que é único no grupo que participa do Ônibus. Mas acho que uma coisa que a gente pode acreditar, que é uma coisa mais comum sobre as pessoas que participam do Ônibus, em sua grande maioria, é a disposição de conviver com o diferente. E acho que todo mundo que se dispõem a fazer uma viagem no Ônibus tá muito disposto a fazer

o diferente, de interagir com pessoas de contextos distintos e fazer esse esforço de ver o diferente e conviver com o diferente. (Milton, out/2015).

O conceito de *multidão*, de Hardt e Negri (2014), elucida o entendimento sobre essa multiplicidade de posicionamentos políticos do Ônibus Hacker. A ordem global contemporânea não pode mais ser compreendida por meio do termo *imperialismo*. Há agora um “poder em rede” que exerce uma nova forma de soberania – uma soberania imperial, e não imperialista. Por isso, este novo poder recebe o nome de *Império*. O ator social que se coloca em contraposição ao Império não é mais o povo ou a massa, mas sim a *multidão* – também ela uma rede, mas uma rede aberta onde as diferenças podem ser colocadas livre e igualmente. A multidão pode ser definida como uma multiplicidade de singularidades irreduzíveis. Ao contrário do povo que é uno e reduz todas as distinções a uma unidade, a multidão é múltipla e preserva suas singularidades; e enquanto a massa tem na *indiferença sua essência, na multidão, todas as diferenças são mantidas*.

A multidão traz consigo uma nova organização social, na qual todos os elementos interagem horizontalmente, em contraposição ao modelo tradicional, que pressupõe um sujeito soberano acima dos demais. A produção econômica da multidão, ao criar formas de vida e cooperação, deixa de ser apenas um modelo de tomada de decisão política para se tornar também ela própria uma tomada de decisão política.

Nesse novo contexto, os autores levantam a necessidade de entendimento sobre como a multidão pode chegar a uma tomada de decisão ao mesmo tempo em que preserva sua pluralidade. Se olharmos o Ônibus Hacker como uma expressão da multidão e um exemplo dos modos como ela pode atuar politicamente com fins à mudança social, é possível contribuir para a compreensão do questionamento levantado por Hardt e Negri.

Abertura, Informalidade e Funcionamento

Ao investigar se o grupo possuía ou não uma estrutura horizontal, as respostas mostraram que a questão principal para sua estrutura não é ser horizontal, mas sim ser aberto. A abertura dentro do Ônibus Hacker significa que qualquer um pode tomar decisões, fazer algum experimento, produzir viagens ou liderar processos. “Nunca presenciei nenhuma situação de coisas que não pudessem ser feitas com o Ônibus” (Francisco, jun/2016).

A *façocracia*, essa valorização do fazer, associada com a *abertura*, permite que haja um aval implícito para as propostas dos membros do grupo, sem a necessidade de

procurar por algum tipo de autorização dos demais. Não é preciso pedir aprovação de ninguém pra fazer nada, não há veto ou votação. Apenas é preciso comunicar o que está sendo feito, para manter a transparência nas ações e permitir que qualquer um possa se manifestar a respeito para colaborar ou levantar críticas e ressalvas. O Ônibus Hacker possui o que foi chamado de um “devir aberto” (George, mar/2016).

Pra mim, a horizontalidade talvez tenha muito mais a ver com isso, com abertura, do que em algum momento alguém ter mais ou menos poder para definir coisas, porque a abertura é o que deixa a possibilidade de novos definidores aparecerem. (...) Se você define à priori com um modelo rígido o que é ou não horizontal, você deixa de ter abertura (Paula, nov/2015).

Assim como na cultura hacker, dentro do Ônibus Hacker a liberdade é valorizada tanto quanto a abertura. Se a busca por um funcionamento horizontal estiver condicionada a uma série de regras e pressupostos que impossibilitem a fluidez e a experimentação, os membros do Ônibus Hacker preferem ficar com seu ambiente relativamente caótico, mas propício a mudanças e ao livre fazer. “Prefiro conviver com os defeitos que o busão tem do que criar um idílico que seja extremamente burocratizado e amarrado” (George, mar/2016).

Essa característica dele (...) de ele não ser um ambiente truncado, de não ter regras, as coisas não estão bem definidas, ele está aberto para você ocupar com o que você achar interessante. Acho que isso atrai muito as pessoas a quererem ocupar ele e participar. (...) Um monte de gente dentro de um ônibus, indo pra um lugar, levando um monte de ideias e um monte de tecnologias malucas. A possibilidade de você fazer o que você quer lá, e ter pessoas que estão a fim de participar, colaborar, conversar, é uma coisa que atrai muita gente, que você não encontra em outros ambientes (Francisco, jun/2016).

A cultura hacker também se faz presente nessa abertura, que se relaciona à crença do grupo de que esse modelo pode trazer realizações muitas vezes impossíveis em estruturas mais fechadas ou formais.

A gente vai voltar sempre pra tal da ética hacker. Ela informa a maneira como as pessoas tentam fazer o Ônibus funcionar, a abertura para propostas, a incorporação de quem quiser contribuir (Paula, nov/2015).

Essa lógica da abertura, associada à ideia de liberdade e não propriedade, traz uma outra consequência, que é a visão de que o Ônibus Hacker não é algo relacionado a um grupo específico, mas sim de quem estiver nele. Ele é visto como um recurso a ser utilizado por quem tiver interesse e disposição.

Manter a lista de discussão pública facilita a troca de informação, mantém o histórico e mantém a proposta das discussões que estão acontecendo serem debatidas em âmbito público, nunca de forma privada, já que a gente considera

o Ônibus como um recurso que pode ser utilizado por todos que participam do grupo, (...) o histórico tem sempre que estar aberto, e a gente tem esse processo de transparência que é bem importante (Milton, out/2015).

Entretanto, também se reconhece os limites dessa abertura. Um deles está relacionado à falta de formalização dos processos, que faz com que pessoas que acabaram de chegar tenham grande dificuldade em entender como participar. “Pra pessoa que tentar entender e não tiver a transparência de como isso funciona, ela pode achar que aquilo é uma caixa preta (...) talvez aí seja o limite da tal da abertura” (Paula, nov/2015).

Os debates em relação ao Ônibus Hacker são sempre “informais, não estruturados, ou pelo menos não explicitamente estruturados” (Paula, nov/2015), no sentido de que não eram feitas reuniões para a tomada de decisões. Em “A Tirania das Organizações Sem Estrutura”, de Jo Freeman (1970), a autora nos auxilia a pensar as questões de grupos sem estrutura, sem liderança, como forma principal de movimento. Freeman reconhece que a informalidade e flexibilidade de tais ambientes encorajam a participação. No entanto, defende que é preciso entender mais profundamente o significado de uma “ausência de estrutura”. O termo *inestruturado* é utilizado para se referir aos grupos que não foram deliberadamente estruturados de alguma maneira específica. Grupos estruturados tem sempre uma estrutura formal e podem também ter uma informal, já os grupos inestruturados possuem apenas uma estrutura informal.

Outra ressalva a ser considerada sobre a abertura do ônibus Hacker é o fato de que são poucas as atividades que alguém consegue fazer sozinho. É preciso dedicação e capacidade de articulação para fazer com que outros membros do grupo queiram participar e colaborar. Levar o Ônibus Hacker em uma viagem envolve muito trabalho. Qualquer um que proponha uma ação *precisa* de outros membros do grupo para realizar uma viagem, conseguir hospedagem, alimentação, espaço para as atividades, dinheiro para combustível e motorista, gente dar oficinas, promover debates, etc.

Quando perguntada sobre o que faz um proposta de atividade seguir adiante, uma entrevistada respondeu “meu esforço e minha capacidade de convencer as pessoas de que aquilo vale a pena (...) nesse sentido depende muito de mim e isso é bom, eu acho, porque a gente tá na chave da *abertura* de novo” (Paula, nov/2015).

Fazer político

O Ônibus Hacker anuncia novas possibilidades de articulação e organização políticas, de reunir atores políticos com motivações e visões políticas distintas. Ele mostra que “algumas coisas dá pra fazer em conjunto com visões diferentes (...) e isso faz parte

da potência política do busão. Isso é difícil de botar na chave das análises políticas que a gente tem” (George, mar/2016).

E isso é muito interessante, você conseguir construir uma mudança de mundo, que duas pessoas veem de forma completamente diferente (...), mas fazer junto sem precisar fazer um acordo sobre o que a gente tá achando da Guiné Bissau hoje ou qual sua posição sobre o Haiti (George, mar/2016).

O ponto crucial em relação ao fazer político do Ônibus Hacker é seu *modus operandi*. Sua inovação encontra-se primariamente nesse âmbito. “Há (no Ônibus Hacker) uma visão comum de como se atuar, e ela tem relação com tudo isso que eu falei, mas acho que não tem uma visão comum a respeito de finalidades” (Paula, nov/2015).

Esse modo de fazer, aberto, que está em constante mutação e permite as mais diversas experimentações e invenções, é visto como uma questão política fundamental. “Um pressuposto, que eu acho que é político, de uma abertura muito grande para as pessoas querendo fazer coisas, e o fazer também virou um pressuposto importante” (Paula, nov/2015). O modo de fazer, de se organizar e realizar suas ações, consolida-se como uma orientação política. “O busão não está só preocupado com a finalidade última da luta. Além da finalidade ele tem um ‘q’ da causalidade” (George, mar/2016).

O Ônibus Hacker ganha relevância em sua busca por criar outras formas de atuar por mudanças sociais, de permitir a inovação e possibilitar que pessoas com visões e desejos de mundo distintos trabalhem juntas. “O Ônibus (Hacker) é uma maneira de criar outros modos” (Paula, nov/2015). Sua forma de atuação incorpora o “caos e visões diferentes (...) não sei se é possível num partido, numa bancada ou em um movimento tradicional” (Paula, nov/2015).

A orientação do Ônibus Hacker acaba por ser, de maneira indireta, a criação de uma nova cultura, a de agir coletivamente. Viajar com o Ônibus Hacker implica uma disposição em conviver com o diferente, com situações inusitadas, com pessoas de contextos distintos. Ele “cria um espaço físico e político de convivência de diferentes (...) isso que acho interessante.” (George, mar/2016).

Diversão

Este outro modo de se fazer política também leva em consideração o prazer e a fruição, que possuem local de destaque para os hackers. O pesquisador finlandês Pekka Himanen constatou que “o primeiro valor a guiar a vida de um hacker é a paixão, ou seja,

algum objetivo interessante que o move e que é de fato gerador de alegria em sua realização” (2001, p.18). Ou, como colocou Castells, “a alegria interior da criação foi muitas vezes identificada como um atributo da cultura hacker” (2002, p.47). Tal atenção ao prazer também é encontrado no Ônibus Hacker, o que indica uma outra postura em relação ao ativismo político: o entendimento de que nem tudo precisa ser um sacrifício, e que a alegria e a satisfação precisam estar presentes também no ativismo.

Além da finalidade ele tem um “q” da causalidade, ou seja, tem que ser gostoso. Numa viagem, além das atividades desenvolvidas, tem a questão do prazer de diversas pessoas de realizar seus objetivos políticos e afetivos ao longo da viagem (George, mar/2016).

Fala-se sobre as emoções e os afetos durante as viagens e encontros. “O Ônibus Hacker virou um espaço tesudo, um espaço que você conhece pessoas muito legais, no qual você repensa práticas políticas que tem nos grupos formais.” (George, mar/2016, grifo nosso). E sobre como é difícil encontrar espaços como o do Ônibus em outros lugares:

O Ônibus Hacker mexe muito com o imaginário. Um monte de gente dentro de um ônibus, indo pra um lugar, levando um monte de ideias e um monte de tecnologias malucas. A possibilidade de você fazer o que você quer lá, e ter pessoas que estão a fim de participar, colaborar, conversar, é uma coisa que atrai muita gente, que você não encontra em outros ambientes (Francisco, jun/2016).

Considerações finais

As entrevistas realizadas evidenciam que a experiência do Ônibus Hacker traz indícios de como a ética hacker e a cibercultura carregam possíveis respostas a questões políticas atuais. A partir da crença hacker de que quanto maior o compartilhamento, mais pessoas e grupos poderão colaborar e melhorar o resultado final, é adotada uma postura de abertura e receptividade ao diferente. Surge um ambiente em que diversas visões de mundo são desejadas e conseguem atuar conjuntamente, desde que se mantenham algumas premissas básicas relacionadas a princípios da cultura hacker, como abertura, colaboração, transparência, horizontalidade, compartilhamento, cooperação e colaboração. Dessa forma,

o Ônibus é uma experiência política poderosa porque a gente precisa entender *outras maneiras de atuar politicamente*, de fazer alianças, que não são baseadas em finalidades e pressupostos, mas que são baseadas em um caminho que você vai fazer (Paula, nov/2015).

A atuação do Ônibus Hacker traz renovação ao ambiente de ações políticas tanto pela sua forma quanto pelo seu conteúdo. Seu conteúdo, ou seja, suas pautas e os objetivos que impulsionam sua ação, não possui um horizonte longínquo de transformação política, apenas questões pontuais, o que leva as pessoas a conseguirem se reunir por questões específicas com as quais se identificam, superando barreiras e impedimentos relacionados a posicionamentos de luta política mais abrangentes, como a defesa da revolução socialista, por exemplo. Ter sua moral baseada nos preceitos hackers permite que, a partir dessa premissa, pensamentos múltiplos e diversos ajam em união quando possuem objetivos comuns. A alteridade, assim, é vista como algo positivo, que enriquece e melhora os processos.

Essa característica aponta para o fato de que uma ética pautada pelo respeito às diferenças e apoiando-se na inventividade e vínculos de identidade garante o foco de atuação dos envolvidos, fazendo com que pressupostos ideológicos mais abrangentes, muitas vezes motivo de dispersão, sejam deixados de lado na prática política.

Sua forma aberta, que guia a atuação e organização política, permite a experimentação e a fluidez do grupo, sua constante evolução e capacidade de adaptação a novos ambientes e necessidades, proporciona uma liberdade de ação que cria um espaço de enorme inovação política. Esse *modus operandi* singular contribui com o processo de atuação conjunta de indivíduos com visões políticas distintas e até antagônicas. Esse modo de fazer é valorizado pelos membros do Ônibus Hacker não apenas como uma questão organizacional, mas sobretudo política. O processo sendo tão reconhecido quanto os resultados finais de seu trabalho abre um leque de possibilidades de formas de se atuar e construir juntos. Há nele uma busca por novas formas e culturas de agir politicamente.

Ao olharmos o cenário atual da esquerda brasileira, por exemplo, que se encontra enfraquecida, fragmentada e possui, historicamente, grande dificuldade na construção de uma frente unificada, o exemplo do Ônibus Hacker pode servir como inspiração de um outro modo de atuação, que consiga reunir atores políticos que apesar de suas divergências, no curto e médio prazo possuem objetivos comuns.

O que a gente fez foi criar uma nova cultura de agir coletivamente, ou criar uma possibilidade de uma nova cultura de agir coletivamente (...) o quanto dessa nova cultura pode concretamente ser uma maneira de agir politicamente mais geral na sociedade eu acho que é uma resposta que não existe, acho que a gente tá procurando. Nesse sentido, essa busca é uma busca da sociedade, dos limites da democracia, dos limites da representação, dos limites da institucionalidade, ao mesmo tempo em que precisa ter institucionalidade. A gente

tá hoje falando da insuficiência do Estado, e a gente não inventou ainda uma outra coisa. Então acho que o Ônibus ele é muito importante nesse contexto de você estar experimentando e criando novas culturas políticas (...) Ele é diferente dos movimentos inclusive nessa finalidade difusa. Você não pode determinar como finalidade de nenhum movimento, coletivo, partido, passeata, governo, criar uma nova cultura política. (...) Mas eu acho que o Ônibus atua nisso (Paula, nov/2015).

A democracia e a representação estão em crise. Enquanto a primeira está em declínio devido à sua dificuldade de se adequar ao tempo atual (HARDT e NEGRI, 2014), a segunda enfrenta problemas relacionados à identificação entre representantes e representados. “A eleição de representantes já não parece um meio pelo qual os cidadãos indicam as políticas que desejam ver executadas” (MANIN, 1995). Nesse contexto político de falência das formas estabelecidas de democracia e representação, tanto os meios digitais quanto a cultura de atuação nesses ambientes parecem renovar as possibilidades políticas futuras. Neste sentido, o estudo do Ônibus Hacker nos auxilia no entendimento de como isso pode se dar concretamente e ser levado para os ambientes offline.

A internet e as redes de comunicação sem fio são mais do que instrumentos - são formas organizacionais que criam novas condições para grupos de ação coletiva atuarem, deliberarem e coordenarem suas ações. “As redes da internet e de telefonia celular não são apenas ferramentas, mas formas organizacionais” (CASTELLS, 2013). Há nas redes sociais na internet, espaços de autonomia que se situam além do domínio dos canais de comunicação, tradicionalmente exercidos por governos e empresas. Essa mudança comunicacional favorece a construção da autonomia do ator social, individual ou coletivo, em relação às estruturas de poder verticalizadas (CASTELLS, 2013).

As Tecnologias de Informação e Comunicação criam novas possibilidades de articulação das redes sociais, amplificam a capacidade de participação social e possibilitam novas formas de ação coletiva, organização política, divisão do poder e de compartilhamento de informações. Sem o monopólio da comunicação, há nesses ambientes uma maior pluralidade de ideias, distintas e destoantes entre si. Como consequência, as novas tecnologias estimulam o desejo por outras formas de organização, mais compartilhadas e descentralizadas.

O ônibus Hacker é um exemplo de atuação política na sociedade em rede, que faz uso das tecnologias como meio para a construção do comum. Sua atuação, descentralizada e aberta ao novo e ao inventivo, materializa aquilo que Hardt e Negri descrevem ao tratar da multidão. Uma atuação em rede, de forma criativa e a partir da apropriação

tecnológica. Esse estudo de caso procurou evidenciar algumas pistas para a compreensão dos movimentos sociais contemporâneos e sua complexidade de classificação. O constante e acelerado desenvolvimento tecnológico indica a importância de uma agenda de pesquisa pautada em exemplos assim, capazes de dar forma a uma nova maneira de agir politicamente em rede, unindo ações on-line e off-line.

Referências

AMADEU, S. **Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo**. REVISTA USP, São Paulo, n.86, p. 28-39, junho/agosto 2010.

CANAL Ibase. **A ideologia por trás da Transparência Hacker**: entrevista com Pedro Markun. 2012. Disponível em: < <http://www.canalibase.org.br/a-ideologia-por-tras-da-transparencia-hacker/>>. Acessado em 12 de maio de 2016.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **A sociedade em rede**, vol. 1. Editora Paz e Terra, 1999.

_____. **The Internet galaxy**: Reflections on the Internet, business, and society. Oxford University Press on Demand, 2002.

COLEMAN, G. **Coding Freedom: The Ethics and Aesthetics of Hacking**. Princeton University Press. Forthcoming 2012.

FREEMAN, J. **A tirania das organizações sem estrutura**. 1970. Disponível em: < <https://www.nodo50.org/insurgentes/textos/autonomia/21tirania.htm> >. Acessado em 10 de maio de 2016.

GOHN, Maria da Glória. Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina. in: **Cadernos CRH**. V.21 n.54 p. 439-455. Set/Dez. 2008

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão**: guerra e democracia na era do império. Rio de Janeiro: Record, 2014.

HIMANEN, Pekka. **A Ética dos Hackers e o Espírito da Era da Informação**. Rio de Janeiro, Campus, 2001.

LEVY, Steven. **Os heróis da revolução**: como Steve Jobs, Steve Wozniak, Bill Gates, Mark Zuckerberg e outros mudaram para sempre as nossas vidas. São Paulo: Évora, 2012.

MARÍ SÁEZ, Víctor Manuel (2003): **Nuevas tecnologías de la información, movimientos sociales y cambio social**. In: libro Cultura popular, Industrias culturales y Ciberespacio, UNED, Madrid, España.

PARRA, H. A política entre o analógico e o digital. **Revista Polêmica**, v. 07, p. 95-106, 2008. Disponível em: < http://www.polemica.uerj.br/pol24/cimagem/p24_henrique.htm >.

_____. **Controle social e prática hacker: tecnopolítica e ciberpolítica em redes digitais**. Sociedade e Cultura, Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiânia, v. 15, n. 1, jan.-jun. 2012, pp. 109-120.

_____. **Política e medialidade nas redes digitais**. ComCiência, 2009. EGLER, T. T. C.. Redes tecnossociais e democratização das políticas públicas. *Sociologias*, v. 12, n. 23, p. 208-236, 2010.

RAYMOND, Eric S. **The Cathedral and the Bazaar**: Musings on Linux and Open Source by an Accidental Revolutionary. Revisited Edition. Sebastopol, O'Reilly, 2001.

RODRIGUEZ, I. S. **Nuevas tecnologías y política**: Acción colectiva y movimientos sociales em la sociedade de la información. 2002. Disponível em: < http://www.uned.es/ntedu/espanol/master/segundo/modulos/poder-y-control/medios_disponemos_sadaba.pdf >.

Recebido em 01/11/2017.

Aprovado em 20/12/2018.